



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA: PRÁTICAS EDUCATIVAS A SERVIÇO DA INFÂNCIA DESVALIDA CAMPINENSE (1948-1964)*

Alan Tassio Galdino¹⁵⁸

PPGH-UFCG

alantassio@outlook.com

Resumo: Na primeira metade do século XX, a cidade de Campina Grande-PB, passava por um cenário de efervescência econômica, devido ao comércio do algodão. Nesta conjectura surgia a necessidade de instituições educacionais que ofertassem a educação adequada aos filhos da elite campinense. Essa parcela da população terá seus anseios atendidos com a fundação de instituições confessionais particulares na cidade. Porém, aqueles que não advinham de famílias ricas, ainda necessitavam de espaços, que ofertassem os cuidados e educação básica. É na década de 1940, com a morte de uma das figuras públicas da cidade o médico pediatra João Moura, que detinha em vida, o desejo de fundar uma instituição que acolhesse e educasse crianças em situação de carência e desvalia. Que a Casa da Criança Dr. João Moura iria nascer. Fundada pelos esforços dos familiares do falecido médico, com o intuito de fazer concretizar o desejo que o mesmo detinha em vida. A instituição que viria a ser tornar referência institucional na cidade é criada no ano de 1948. Temos como proposta, debate as conjecturas políticas e sociais que levaram a fundação da instituição Casa da criança Dr. João Moura, analisando os seus primeiros anos de funcionamento, no recorte temporal dos anos de 1948 a 1964. Utilizando de uma metodologia qualitativa, analisando fontes documentais e imagéticas advindas da massa documental da instituição, também utilizando da História Oral, para obter as memórias de dois personagens ligados a História da instituição, a Irmã Creusa do Menino Jesus, religiosa mais antiga residente na Casa da Criança, e o senhor Onildo Moura, irmão do médico João Moura.

Palavras chaves: Casa da Criança Dr. João Moura, Infância Desvalida, História da Educação.

Da morte há o nascimento: memórias sobre o nascimento da Casa da Criança Dr. João Moura.

“Seu exemplo edificou
O sonho realizado
Casa da Criança João Moura
Seu nome imortalizado”
(Moura, 2014)

Foram muitas as conjecturas e caminhos que levaram a fundação da Casa da Criança Dr. João Moura, tentando analisar e entender cada meandro que corroborou para que esta instituição surgisse no cenário da Campina Grande-PB dos anos de 1948. Damos

¹⁵⁸ Mestrando em História, vinculado a linha de Práticas Educativas do PPGH-UFCG. Orientado pelo Professor Dr. Ramsés Nunes e Silva.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

partida a nossa caminhada nesta trajetória de pesquisa. Caminho este, que em alguns momentos tem se mostrado dificultosos. Porém, também tem se mostrado belo e revigorante. Ao ponto que percebemos em nossa pesquisa, que ao narrar a História da Casa da Criança Dr. João Moura, também estamos construindo narrativas sobre as memórias da História da Educação campinense e da infância desvalida e em situação de carência, que era o público acolhido pela instituição. É sabendo que o nosso caminho ainda não chegou ao fim, que convidamos aos leitores a caminharem conosco neste texto.

Nosso trabalho é fruto de um trabalho de conclusão de curso, onde tivemos a oportunidade de pesquisar a Casa da Criança Dr. João Moura, estes foram os nossos primeiros escritos, que foram traçados com o entusiasmo e medo que todo pesquisador detém no começo de sua jornada.

Para a produção deste artigo, tivemos como fontes a massa documental disponibilizada pela instituição. Entre elas fontes documentais e imagéticas que foram por nós analisadas. Além destes, utilizamos as memórias de dois sujeitos intrinsecamente relacionados com a História da instituição. A Irma Creusa do Menino Jesus, religiosa membro das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Sua chegada à instituição remete aos idos de 1955, sendo atualmente a irmã mais antiga a residir na instituição. Fora ela, obtivemos as emocionadas memórias do senhor Onildo Moura, irmão do médico João Moura. O senhor Onildo presenciou todo o processo de fundação da instituição, fazendo parte dele juntamente com sua família.

Não há como compreender a fundação desta instituição, sem saber quem é aquele que doou seu nome a ela. A instituição nasce pela morte de uma das figuras públicas da sociedade campinense, no ano de 1947. O médico pediatra João Moura. Vindo de uma família abastada da cidade, o jovem de 32 anos era conhecido pelos populares e, atuava em uma clínica pediátrica particular. Segundo as memórias de seu irmão, era um rapaz calmo e atencioso com seus pacientes, conseguindo logo o apreço das pessoas que atendia. A morte do jovem médico ocorreu de forma repentina, no ainda distrito de Massaranduba¹⁵⁹. Ao tentar separar uma briga iniciada por motivações políticas, entre seu cunhado Pedro

¹⁵⁹ A mesma só viria a se emancipar como município nos anos de 1965.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Vaz Ribeiro¹⁶⁰ e um jagunço de um dos adversários políticos de seu cunhado. Nessa tentativa de apaziguamento, o médico teve um destino infeliz, sendo estocado por uma faca, levando-o a óbito no dia seguinte em 17 de fevereiro de 1947.

Com seu falecimento, a família Moura começou uma campanha entre a população e o comércio campinense, para angariar fundos, com o intuito de trazer a tona um sonho que o falecido médico detinha enquanto vida. Onde segundo as memórias do de seu irmão, ele visava:

Ele como médico pediatra, ele era muito compadecido, da assim dos pobres, então ele pensou, tinha esse projeto de fundar uma creche, para como é? Ajudar a mãe proletária né? E deixa os filhos pra poderem trabalhar, e essas coisas. Ele tinha esse projeto, mas antes disso ele morreu. Então começou, tinha outro rapaz aqui, que quis botar o projeto pra frente e tudo, e tal, ai falou com a minha irmã, que era bem dinâmica e outra, falou pra elas se aliarem e tal. Finalmente se organizou uma como é que se diz? Uma, uma sociedade lá, entre ela, ela com as amigas, e pra, trabalhar pra criar a Casa da Criança. Então ai se foi pra comércio, ai ela mesmo se destinou e tudo, Ascendino¹⁶¹ também entrou no meio, e tudo, depois Campina Grande nessa época, existia uma festa da padroeira, em frente da catedral, que era muito animada, com pavilhões, pavilhões individualizados, e então eles também resolveram “buta” pavilhão, todo mundo na festa, e para angariar dinheiro (ONILDO MOURA, 2018).¹⁶²

A família Moura teve fundamental importância em todo o processo de fundação da instituição. A morte repentina do jovem médico motivava a seus familiares deixarem de alguma forma o nome de seu ente querido, vivo na memória campinense. Desta forma, trazer este projeto que o médico havia idealizado enquanto vida, era uma forma de tornar fixa esta memória na sociedade campinense. Sendo uma família que detinha ligações políticas e de importância perante a elite da cidade, tal movimentação para a construção da instituição atraía benfeitores. O próprio terreno onde haverá de ser construída a instituição foi doado pelo prefeito da cidade na época Elpídio de Almeida. Tanto que é perceptível certa agilidade no processo de construção da instituição, a morte do médico pediatra data de dezessete de Fevereiro de 1947, já a construção do então Abrigo de Menores Dr. João Moura, nome que veria a mudar posteriormente, data de dezoito de Maio de 1948.

¹⁶⁰ Grande comerciante de algodão da época, no período que o produto se destacava no comércio campinense na primeira metade do século XX.

¹⁶¹ Irmão de João Moura e, também Deputado pelo estado da Paraíba na primeira metade do século XX.

¹⁶² Optamos por manter a falar dos entrevistados, transcrita de mesmo modo ao qual foram emitidas.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Com o surgimento da Casa da Criança Dr. João Moura, a instituição passou a ter sua administração regida por uma ordem de religiosas católicas. Que devido a não aceitação popular, pois havia boatos que circulavam entre os cidadãos, que esta ordem detinha a prática de enviar as doações recebidas para a sua matriz fora da cidade. Esta congregação, após perceber o descontentamento da população, fugiu da cidade sem avisos prévios, inclusive deixando as crianças residentes da instituição sozinhas durante a fuga¹⁶³. Como fala do senhor Onildo:

Pronto, então depois de um tempo se veio, ainda veio umas freiras de Recife, ai, já tinha uns três meninos dois ou três, não me lembro, mas as freiras recebiam dinheiro todinho, e tinha a matriz em Jo [...] em Recife, ai o dinheiro levava tudo pra Recife, e a casa da Criança não progredia. Ai depois acalmaram um pouco, por que povo “tava” reclamando. E elas, um dia anoiteceu e amanheceu, e elas deixou os meninos sozinhos lá, dois meninos. [...], o vizinho que veio avisar que as freiras tinham ido embora, e que os dois meninos “tava” lá só, ai, parece que era até um casal, ai meu irmão foi a João Pessoa, por que ela não podia conseguir, arranhou por lá uma creche pra colocar os meninos, enquanto se resolvia. (ONILDO MOURA, 2018).

Com tais acontecimentos, à ordem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição¹⁶⁴ fora convidada pelo então Bispo da cidade, Dom Aldo Pietrulha, a assumir a direção da instituição. Esta congregação que tem sua chegada ao Brasil em 1911, de origem portuguesa, já a atuavam em colégios, asilos e hospitais no país. Sua gestão a frente da Casa da Criança Dr. João Moura exerceu forte influencia nas práticas educativas exercidas pela instituição.

Para além do cuidar e educar: docilizar a infância desvalida campinense.

“Com amor pelos meninos
Pensava, Com esperança,
Em fundar um abrigo
Amparar pobre criança”

¹⁶³ A origem e os fatos que remetem a esta ordem de religiosas, ainda é bastante obscuro. Fato este devido à ausência de fontes referentes ao período da administração dela na instituição. Os poucos relatos que conseguimos encontrar sobre, advém das memórias do senhor Onildo Moura.

¹⁶⁴ Congregação fundada em Lisboa, no ano de 1871, pela iniciativa da Irmã Clara do Menino Jesus e do Padre Raimundo dos Anjos Beirão. Tendo como carisma a Hospitalidade, a Congregação atua em várias áreas do assistencialismo social, promovendo a pessoa humana. Possuem casas nos continentes da África, Ásia, Europa e América.





(Moura, 2014)

A partir da criação da Casa da Criança Dr. João Moura, entendemos que houve o preenchimento de uma lacuna existente até aquele momento, no sistema educacional vigente na cidade. A infância pobre, desvalida e em situação de carência encontrava nesse momento, um espaço onde teriam a possibilidade de receber cuidados e a educação nas primeiras fases escolares. Serviço este, que até então, não era prestado por nenhuma instituição.

Porém, é interessante percebermos que havia motivações além da benemerência, observa-se que existiam outras conjecturas, que influenciaram a fundação da instituição. Analisando o cenário referente aos espaços educacionais existentes na cidade no mesmo período, percebemos que já existiam colégios que atendiam os filhos das elites campinenses. Tais como as instituições confessionais do Colégio Imaculada Conceição (1931), que atendia as moças das famílias abastadas da cidade, o colégio Pio X (1931) direcionado apenas para meninos e o Ginásio Alfredo Dantas (1919) também particular. Existia também o Grupo Escolar Clementino Procópio (1937), que era público, porém não atendia crianças no estágio da primeira infância exercendo a função de creche. E nesse contexto, os filhos das camadas pobres da cidade não eram assistidos, incluindo também os órfãos, que eram acolhidos e instruídos pela instituição.

Mas por que voltar os olhos para a infância desvalida e em situação de carência social? A resposta vem quando analisamos as iniciativas do Estado perante a infância desvalida, advindas desde o século XIX. Esses sujeitos eram renegados pelas autoridades, até o momento que se percebe, que se tais indivíduos não recebessem algum tipo de instrução, os mesmos ao decorrer dos anos se tornariam um problema a ser solucionado pelas autoridades. Ao ponto que tais crianças e jovens se tornariam marginais e criminosos, caso não recebem uma formação que os encaminhassem para um ofício em seu futuro.

Desta forma, entender os processos educativos, as práticas de ensino e docilização (FOQUALT, 1987), pensadas e verticalizadas a partir do poder do Estado, para a população. Esclarecem-nos, quais eram as intenções de controle, e quais perspectivas e possíveis metas pensadas pelos poderes públicos para a população.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Nesse processo, surgem os internatos como principal mecanismo para a formação desses indivíduos, fazendo-se necessário com o decorrer do tempo a construção de um método pedagógico que atendesse os interesses do governo. Os internatos funcionavam perfeitamente nessa causa, estando às crianças internadas em espaços educacionais, elas, ficavam isentas de da ociosidade durante o dia, ou mesmo de praticarem crimes. Essa perspectiva pedagógica agia descontruindo futuras situações de marginalização e formando mão de obra necessária e desejada pelo Estado. Como bem salienta Callou:

A pedagogia moderna entra em cena nos projetos de funcionamento dos internatos. A educação integral, que consiste na educação física, intelectual e moral permeava a logica ideal de formação do individuo. A educação física para fortalecer o corpo e a intelectual para que aprenda conhecimentos elementares e prática para o trabalho e a moral que seu comportamento se volte para o amo ao trabalho, disciplinarização do corpo e submissão à sua condição de pobreza. (CALLOU, 2016, p.43)

Em relação à educação da infância, o Estado possuía uma visão de que a mesma poderia ser colocada no patamar de futuro da nação, ou como também futuros problemas a serem resolvidos por ele. Dependeria, da instrução que estes recebessem. Com esta visão, os internatos criados tinham papel fundamental para o Estado, logo a criação dos mesmos foi incentivada pelo governo, com esse intuito de “salvar” as crianças pobres do país.

Neste sentido, são criadas, em todo país, instituições que serão responsáveis por amparar, educar e reformar as crianças pobres, abandonadas, órfãs e delinquentes, afinadas com regulamentos e decretos criados para determinar o lugar que cada criança irá ocupar. Estas instituições tiveram a sua origem no intuito de salvar a infância pobre brasileira (CALLOU, 2016).

Desta forma teríamos por parte da população uma crescente procura destas instituições, onde para muitos pais as mesmas representavam a possível saída de seus filhos de uma condição de miséria como cita Callou: “Pode-se inferir que para muitas famílias pobres estas instituições representavam a saída para salvar as suas crianças da pobreza que só tendia a aumentar” (CALLOU, 2016, p.48).

Assim a criação destas instituições e o financiamento das mesmas vão ser de interesse do Estado, pois estas estavam realizando um serviço à sociedade que em muitas





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

regiões do país não era disponibilizado, deixando desamparada esta parcela da população que era a infância pobre brasileira.

Nesse contexto temos a visão que é dada a infância desvalida e em estado de carência no começo do século XX, pelo Estado. Formando uma conjectura histórica que proporcionou o surgimento das instituições voltadas especificamente ao trato com estes.

Tais instituições surgidas com esta intencionalidade de forma as crianças, às tirando de um possível futuro de marginalidade. Vão gerar suas próprias práticas educativas. Voltas especificamente para aquele público. Onde temos várias destas instituições com disciplinas em seus currículos, voltadas para a formação de um ofício, um tipo de ensino técnico, que traria a possibilidade de um futuro trabalho, e possibilitaria deste modo um futuro fora da vida de crimes, situação que só acarretaria mais problemas ao Estado.

Com esta ação do Estado sobre a infância em estado de carência, percebemos o que Dominique Júlia entende por cultura escolar, sendo: “um conjunto de normas que definem o conhecimento a ensinar e condutas a inculcar [...]” (JULIA, 1995, p. 10). Analisando assim quais eram os conhecimentos necessários de acordo com a conjectura histórica do período a serem ensinados, a estas crianças, quais disciplinas necessárias a ser lecionado, o que de fato o Estado pensava ser necessário ser inculcado para estes possíveis “futuros da nação”.

Tudo isso, corrobora para várias estancias da educação proposta para estes indivíduos, desde os quadros de funcionários que iram integrar estas instituições especificas, até os espaços físicos direcionados a esse público. Sendo muitos em sua maioria internatos, ou semi-internatos, como a instituição por nós pesquisada.

Ainda nessa análise percebemos aqui a intencionalidade que o Estado possuía no que Foucault vai chamar de docilização dos corpos, ou corpos dóceis.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadilha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; define como o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina, A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“dóceis”. a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)[...] (FOUCAULT, 2012)

Assim percebemos docilização dos corpos, que os poderes governamentais implantam através da educação, como forma de disciplinar, aqueles que tendiam a se tornarem futuros problemas para a sociedade. De mesmo modo, aumentava a utilidade econômica destes corpos, os tornando mãos de obra para o mercado, ao exemplo das várias instituições com o ensino de ofícios e ensino técnico, surgidas para este público.

Como também percebemos a docilização dos corpos na diminuição de sua força política. O cuidado com a infância desvalida e em situação de carência, também proporcionava o sentimento de segurança às famílias, ao perceberem que, ao momento que seus filhos seriam atendidos por estas instituições, estes teriam mais possibilidades de um futuro melhor: “Pode-se inferir que para muitas famílias pobres estas instituições representavam a saída para salvar as suas crianças da pobreza que só tendia a aumentar” (CALLOU, 2016, p.48). O que em partes trazia a estes um pensamento de agradecimento ao Estado, por esta disponibilizando um possível futuro de desenvolvimento a esta infância desvalida.

Conforme ressaltamos anteriormente, o público que foi atendido pela Casa da Criança Dr. João Moura, era oriundo das classes populares, prioritariamente. Em depoimento a nós dado, a Irmã Creusa, relata como eram as condições das crianças recebidas pela instituição, e a de seus parentes.

Era criança pobre, “probrezinha” mesmo, agora as mães eu não sei se era casada, ou era solteira, eu sei que era criança muito pobre, pobre, pobre tinham “muita” que não tinham nem a roupinha pra vestir. A casa foi criada pelas irmãs portuguesas, mas era tudo pobre, tudo crianças pobre, nunca teve mãe mais ou menos era tudo pobre, domestica, tinha muitas que nem emprego tinha [...] (IRMÃ CREUSA, 2018).

Outro caráter que a instituição apresentava desde os primeiros anos de sua fundação, até meados dos anos 2000, onde está pratica foi extinta. Era o cuidado com as crianças órfãs da cidade. As fontes remetem a crianças deixadas por muitas vezes em





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

frente da Casa, às vezes a noite quando o funcionamento já havia terminado, algumas vezes era avisado por telefone que se havia deixado a criança em frente da Casa, em outros casos eram apenas deixadas ao leu até terem sua presença notada por alguém que estivesse na instituição naquele momento. Em seu estatuto, no terceiro artigo do então “Abrigo de Menores Dr. João Moura” no ano de 1948, já era pontuado esse serviço ao qual a instituição deveria manter.

Serão admitidos órfão de ambos os sexos crianças desassistidas, e cujo os progenitores tenham sido privados do pátrio poder, ou cujo os pais pela situação de pobreza e enfermidade não posam criar os filhos (ESTATUTO DE FUNDAÇÃO DA CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA).

A fala da Irmã Creusa, reafirma o lugar social destas crianças abandonadas na Casa da Criança Dr. João Moura, assim ela mesma fala: “Elas viam, assim do povo que não “pudia”, dos bairros carente, que as mãe não “pudiam” criar, tinham os filhinhos e “butava” na porta” (IRMÃ CREUSA, 2018).

A Casa da Criança Dr. João Moura, atendia assim a um processo necessário de docilização da infância desvalida e em situação de carência. Os cuidados e a educação ofertados a estes, corroborava para que estes indivíduos pudessem ser encaminhados a outras famílias, em condições sociais melhores que pudessem ofertar uma vida diferente da marginalização, que seria possivelmente encontrada na rua, de mesmo modo as crianças não residentes da instituição, mas que ali eram cuidadas obtinham a educação ofertada para as primeiras fases da infância.

A instituição se mostra um importante lugar de memória na cidade de Campina Grande (NORA, 1995). Ao fazer rememora uma das personalidades históricas da cidade, e também a memória da infância desvalida em Campina Grande, tema que ainda se mostra bastante obscuro na historiografia local.

Tais práticas educativas realizadas pela Casa da Criança Dr. João Moura, nos permitem compreender como se realizava o cuidado com esta parcela da sociedade que era esquecida por muitos, a infância desvalida e em condição de carência. Ao rememoramos tais práticas estamos dando voz a estes indivíduos que a muito foram colocados às margens.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Desta maneira, tornar-se de extrema importância trazer tais memórias à tona, pois estas são capazes de nos mostrar com bastante relevância como parte da nossa sociedade foi formada, educada e docilizada. Como também, nos proporcionam um maior e mais claro entendimento sobre as conjecturas educacionais, que eram pensadas e postas em práticas, a serviço da infância desvalida e em situação de carência social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verana. **Ouvir Contar Textos em História Oral**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?**. Rio de Janeiro, 2008.

CALLOU, Maria Lucirene Sousa. **A Infância Desvalida como Problema Social**, Belém, PA: UFPA, 2016.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**, São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CASTANHO, Sergio M, **Memória, História e Educação**, Campinas, SP: Revista HISTEDBR On-Line, 2016.

CASTROGA, Fernando, **Memória e historiografia**, Rio de Janeiro: Editora

CRUZ, Onildo de Moura. **A História da Vida de Dr. João Moura**. [Folheto de cordel]. 2014.

DIEHL, Astor Antônio, **Cultura Historiográfica**, Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GALDINO, Alan Tassio. **Práticas Educativas e Memórias na História da Educação Campinense: Narrativa Sobre a Casa da Criança Dr. João Moura**, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, 2018.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

HALBWACHS, Maurice, **Memória Coletiva**, São Paulo: Centauro, 2006.

JULIA, Dominique, **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. International journal of history os education.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, **História da Educação**, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIHY. **História Oral: como fazer como pensar**, São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Jose Baptista De, **Evolução do Ensino na Paraíba**, João Pessoa, PB: Biblioteca paraibana, 1996.

NORA, Pierre, **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, Paris: I La République, 1995.

SAVIANI, Dermeval, **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**, Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SANDRA, Jathy Pesavento, **História & História Cultural**, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STEPHANOU, Maria, **História e memória da educação no Brasil**. Petrópolis RJ: Vozes, 2005.

Entrevistas:

Onildo de Moura Cruz, Campina Grande-PB, 2018.

Creusa Gomes do nascimento, Campina Grande-PB, 2018.

